



DE OLHO NO MERCADO

PAULO GUIMARÃES

ENTREVISTA ANTONIO AMARAL MOREIRA

ANALISTA DE BUSCA E SELEÇÃO DA ENDEAVOR BRASIL

Tentando se colocar no clima da discussão a qual pretende estimular, a coluna entrou 2012 empreendendo a busca por novos talentos no meio universitário, que vão encorpendo os quadros da intelligentsia nacional. O conteúdo produzido se inspirou na monografia de Antonio Amaral Moreira, ao final de seu curso de graduação em Relações Internacionais, do Ibmec-RJ. A seguir, sua entrevista.

Dentro dos parâmetros do WEF, em qual fase de desenvolvimento está o Brasil?

O Brasil é classificado como Efficiency-Driven. A problemática em categorizar 142 países em três grupos é que, muitas vezes, podem surgir algumas distorções. O próprio WEF criou subdivisões que indicam os países que estão em fase de transição de um estágio para outro (por exemplo, o país ainda é majoritariamente Factor-Driven, mas vem apresentando cada vez mais traços Efficiency-Driven). O caso brasileiro é bastante peculiar. Apesar de sermos exportadores mundiais de commodities e termos indústrias de base bastante desenvolvidas, também possuímos uma indústria aeroespacial e alguns polos tecnológicos de ponta. A globalização contribui para uma sobreposição desses estágios.

Empreender significa inovar?

Na verdade, trata-se de um círculo virtuoso. O empreendedorismo gera a inovação de produtos, serviços, mercados, etc. Consequentemente, com o rompimento da fronteira de produção, novas oportunidades para empreender são geradas. É importante destacar que a inovação não necessariamente é tecnológica, mas pode estar associada ao modelo de negócios, a processos, etc.

O empreendedorismo, hoje, anda em baixa na Europa Ocidental. Isso seria uma consequência inexorável da crise

econômica?

De acordo com o WEF, a maior parte dos países da Europa Ocidental está classificada no estágio Innovation-Driven, onde o setor de serviços representa uma parcela significativa da economia e onde há renomados centros de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). Contudo, estabelecer uma relação direta entre recessão econômica e diminuição da atividade empreendedora não é uma verdade absoluta. Em tempos de crise, diversas oportunidades para empreender são criadas. O momento é propício para rever políticas que estimulariam novos empreendimentos, a fim de se diminuir os efeitos negativos da recessão econômica.

Quais seriam as prioridades de tais políticas?

Apesar da crise, os países da Zona do Euro têm a maior parte das determinantes de um ecossistema empreendedor desenvolvidas. O Estado não pode atrapalhar o surgimento de novos negócios. A máquina estatal poderia aproveitar seu grande contingente para fomentar o empreendedorismo, a partir da própria iniciativa pública. É preciso avançar na integração entre centros de pesquisa de ponta já existentes e o capital de risco, por meio da multiplicação das aceleradoras e incubadoras de start-ups. Talvez, alguns desses países necessitem de uma Endeavor (organização internacional que fomenta o empreendedorismo de alto impacto em 11 países emergentes).

Como se define empreendedorismo de alto impacto?

Segundo a Endeavor, o empreendedor de alto impacto cria empresas de alto crescimento, que geram centenas ou milhares de empregos, milhões em salários e receita. Além de ser a chave para o crescimento econômico, o empreendedor de alto impacto tem o poder de inspirar a sociedade com histórias de sucesso.

No caso brasileiro, quais deveriam ser as prioridades de uma política orientada para o fomento do empreendedorismo?

São necessários seis pilares para se criar um ecossistema empreendedor: estrutura regulatória, condições de mercado, acesso a capital, criação e difusão de conhecimento, capacitação empreendedora e cultura empreendedora. A variável mais carente no Brasil é a cultura empreendedora e isto envolve uma questão de valores sociais. Apesar de sermos um povo criativo, que é considerado o mais empreendedor dos países do G20, não lidamos bem com o medo do fracasso e temos grande aversão ao risco. Sofremos com a 'síndrome do concurso público'. É bom ter jovens talentosos trabalhando para o governo, mas também precisamos de mão-de-obra criativa e qualificada na iniciativa privada. Essa mudança cultural seria fundamental, mas só teria retorno no médio e longo prazo. A segunda etapa ajudaria a potencializar a primeira (cultura empreendedora), e seria o investimento em educação (capacitação empreendedora). O Brasil deveria se espelhar na Finlândia e ensinar empreendedorismo nas escolas. O País precisa estimular os jovens a pensar fora da caixa desde cedo. Somente assim conseguiríamos dar o terceiro passo, que seria o investimento em inovação (criação e difusão de conhecimento). Recentemente, o governo brasileiro anunciou que está mobilizando esforços para fabricar iPads no território brasileiro. Mas ninguém discute o que está sendo feito para que uma nova Apple seja criada no Brasil.

